Dia 12 — São Martinho, Papa e Mártir

Martirológio Romano

O martírio de São Martinho, papa e mártir; o qual, tendo celebrado um concílio em Roma e condenado nele os hereges Sérgio, Paulo e Pirro, por ordem do imperador Constante, herege, prenderam-no com engano e, levado a Constantinopla, foi desterrado ao Quersoneso, onde, consumido com muitos trabalhos e misérias por defender a fé católica, acabou sua vida esclarecido com muitos milagres. Seu corpo o trasladaram depois a Roma, dando-lhe sepultura na igreja dos Santos Silvestre e Martinho. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O martírio dos santos Aurélio e Públio, bispos, na Ásia. (Refere Galesínio que estes dois Santos foram consagrados bispos pelos discípulos dos Apóstolos e enviados à Ásia, em cuja região não só converteram muitos infiéis, mas com seus escritos combateram os erros de certos hereges chamados Catafrígios, os quais apareceram no segundo século da Igreja. Ignoram-se os nomes das cidades de que foram bispos e só se sabe que derramaram seu sangue em testemunho de Jesus Cristo no ano de 173.) São Paterno, mártir, no Senonois, na França.

São Lívino, bispo e mártir, em Gante. (Foi um sábio e piedoso bispo irlandês que passou a Flandres para pregar a fé aos idólatras. Começou esta missão depois de preparar-se com fervorosos atos de piedade e, por meio da pregação e do exemplo, converteu muitíssimos infiéis nos territórios de Aalst e de Hautem. Tendo cultivado a poesia em sua juventude, compôs hinos e outras composições sagradas. Depois de um glorioso apostolado, foi assassinado pelos pagãos em Esche no ano de 633, segundo Colgan, que diz que foi bispo de Dublin. Foi enterrado em Hautem, a três milhas de Gante, e suas relíquias trasladadas ao grande mosteiro desta cidade, no ano 1006. Numa urna junto à de São Lívino guardam-se as relíquias de Santa Craphailde, dama em cuja casa foi martirizado o Santo e morta pelos mesmos bárbaros só porque chorava a morte do glorioso Mártir e a de seu filho Brício, a quem acabava de batizar São Lívino.)

Os santos mártires Bento, João, Mateus, Isaac e Cristino, ermitões, na Polônia. (Morreram às mãos dos hereges pelos anos de 1003.)

O martírio de São Josafá, da Ordem de São Basílio, arcebispo de Polotsk, em Vitebsk, na Polônia; a quem deram cruel morte os cismáticos em ódio da verdade e unidade da Igreja católica. (Tendo trabalhado extraordinariamente este Santo para reunir os cismáticos de sua diocese à Igreja

católica, seus esforços lhe custaram o sacrifício de sua vida, sendo assassinado pelos hereges no ano 1623. A Congregação dos Ritos declarou alguns anos depois que o martírio deste Santo se achava evidentemente provado e sua santidade atestada por muitos milagres.)

São Rufo, em Avinhão, primeiro bispo desta cidade. (Foi discípulo do célebre procônsul Sérgio Paulo, íntimo amigo do Apóstolo das gentes, e, tendo sido consagrado em Roma, os Apóstolos o enviaram a Avinhão, cuja igreja fundou. Morreu pelos anos de 65.)

A ditosa morte de São Cuniberto, bispo, em Colônia. (Era o pai dos órfãos e o consolo dos aflitos, e em recompensa de suas virtudes o Senhor lhe concedeu o dom de milagres.)

Santo Emiliano (ou São Millán), presbítero, em Tarazona, na Espanha Tarraconense; esclarecido por seus inumeráveis milagres: São Braulio, bispo de Saragoça, escreveu sua admirável vida. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Nilo, abade, em Constantinopla; o qual, de prefeito que era da cidade, se fez monge e floresceu em santidade e doutrina no tempo de Teodósio o Menor. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Teodoro Estudita, também em Constantinopla; o qual, combatendo valorosamente pela fé católica contra os Iconoclastas ou destruidores das sagradas imagens, se fez muito célebre em toda a Igreja católica. (Deram-lhe o nome de Estudita porque foi abade do mosteiro de Studion, fundado por Estúdio, cônsul romano, em um dos arrabaldes de Constantinopla. Sua decisão em defender o culto das santas imagens lhe ocasionou violentas perseguições; e nos inumeráveis escritos que publicou contra as heresias de seu tempo reúne a uma vastíssima erudição e solidez inexpugnável uma piedade sólida e um estilo claro, conciso e elegante. Feller diz que os que desejem conhecer a disciplina e costumes da Igreja grega nos séculos VIII e IX devem ler as obras deste Santo.)

São Diogo, confessor, da Ordem dos Menores, em Alcalá de Henares, na Espanha, esclarecido por sua grande humildade: foi canonizado pelo papa Sisto V; sua festa se celebra no dia seguinte. (Veja-se sua vida entre as do dia 14.)

São Martinho, Papa e Mártir

Nasceu São Martinho em Todi, cidade da Toscana. Foi de família muito qualificada por sua nobreza; mas muito mais ilustre por ter dado à Igreja de Deus um Pontífice tão santo. Cultivaram seus pais o engenho do filho com o estudo, e o Espírito Santo tomou posse de seu coração. Era de corpo airosamente disposto; mas sua modéstia fez mais formosa sua alma aos olhos de Deus. Deixava-se ver o pudor como retratado em seu semblante, e a pureza do coração lhe saía ao rosto em sua modesta compostura. Achou-se filósofo hábil e aventajado e nem por isso deu no escolho da vaidade. Soube ser sábio sem ser orgulhoso. Sua modéstia derramava em sua sabedoria certo resplendor que o fazia brilhar mais. Consagrou sua erudição, consagrando-se ele mesmo aos

altares. Professava à verdade aquele vivo amor que está pronto a derramar o sangue, quando é necessário, para defendê-la, não desejando viver senão para Jesus Cristo; mas, como a divina Providência o tinha destinado para o governo de sua Igreja, dilatou-lhe a coroa do martírio, a fim de que a merecesse com seus trabalhos e com o exercício da paciência. Tendo morrido o papa Teodoro, foi colocado São Martinho no trono pontifício por unânime consentimento dos votos. Encheu de gozo ao Imperador, ao Senado e ao povo uma eleição tão judiciosa, gozando já antecipadamente a felicidade que todos se prometiam no governo do novo Pontífice de Jesus Cristo. Não se enganaram: tinha entranhas de verdadeiro pastor para com todas as ovelhas que o Senhor havia posto, por assim dizer, debaixo de seu cajado. Era dilatado o seio de sua caridade, e nele faria lugar a todos. A liberalidade lhe abria as mãos para regar o campo da necessidade, fazendo que corressem ao seio dos pobres os bens que Jesus Cristo lhe havia confiado para aliviar suas misérias. Aos bons religiosos olhava com ternura e recebia os estrangeiros com admirável agasalho. Depois de ter jejuado todo o dia, dedicava à oração grande parte da noite. Procurava endireitar os que se descaminhavam e, quando os via reconhecidos e arrependidos de seus defeitos, consolava-os, assegurando-lhes a misericórdia do Pai celestial, que não quer a morte do pecador, mas que se arrependa e viva. Era um perfeito retrato de Jesus Cristo, soberano pastor de nossas almas. Gozava então a Sé apostólica de muita paz, e os fiéis descansavam à sombra de um pai comum tão caritativo; mas os hereges excitaram uma tormenta tão desfeita que teria corrido perigo de naufragar a fé daqueles, se não governasse a nave um piloto tão destro como vigilante. Os Monotelitas confundiam as operações em Cristo, defendendo que não havia nele mais que uma só vontade, sem render-se a crer que enquanto Deus tem vontade divina e enquanto homem uma vontade humana. O imperador Constante havia publicado um edito com nome de *Tipo* ou de formulário, em que, com o pretexto de cortar disputas, igualmente proibia dizer ou ensinar que havia duas vontades em Cristo, como que havia uma só; com cujo arbítrio, favorecendo os hereges, deixava sem liberdade os Católicos para voltar pela verdade. Logo que teve notícia da exaltação de São Martinho, não se descuidou em enviar-lhe o Tipo, suplicando-lhe que o aprovasse e confirmasse com sua apostólica autoridade, como providência necessária para pôr fim às perniciosas disputas que se haviam suscitado no império sobre pontos de religião; mas, penetrando muito bem o santo Pontífice que o tal Tipo não era mais que um sagaz artifício inventado pela política para descarregar o golpe contra a integridade da fé, insinuando nos ânimos o veneno do monotelismo, respondeu generosamente que antes perderia mil vidas que aprovar tão pernicioso escrito; e que, quando todo o mundo se desviasse da doutrina dos santos Padres, que todos reconheceram em Cristo um adorável composto de duas naturezas inteiras e perfeitas, ele jamais se apartaria dela, sem que nem promessas, nem ameaças, nem tormentos, nem a mesma morte fossem capazes de fazê-lo infiel ao depósito das verdades da fé que se lhe haviam confiado. Depois de uma resposta tão precisa e tão expressiva da integridade de sua fé, para cortar de raiz o mal que ameaçava a Igreja, convocou em São João de Latrão, o mais cedo que pôde, um concílio de cento e cinco bispos, no qual, sem acobardar-se nem dar-lhe nada pela indignação do Imperador, condenou seu Tipo, juntamente com a heresia de seu avô, o imperador Heráclio, e declarou excomungados a todos os que a seguissem. Depois escreveu a todos os Bispos da Igreja católica uma carta circular cheia de vigor apostólico, acompanhando-a com as atas do concílio que se havia celebrado. Conferiu o Imperador o governo de toda a Itália a Olimpo, com expressa ordem de prender todos os bispos que recusassem admitir, firmar ou defender o formulário de fé que se continha em seu edito; mas muito particularmente a São Martinho. Fez Olimpo várias tentativas

para dar gosto ao Imperador; mas achou todo o clero da Itália tão aderido à fé ortodoxa que nada pôde adiantar por este lado, à vista do que concebeu o detestável intento de tirar a vida ao santo Pontífice ao mesmo tempo em que fosse receber de sua mão a sagrada Comunhão. Mandou, pois, a um pajem seu (que horror!) que lhe alargasse a espada quando estivesse na mesa da comunhão para receber a hóstia consagrada; mas há um Deus protetor da inocência. O pajem ficou repentinamente cego, sem poder discernir a São Martinho quando deu a Olimpo a Comunhão. Assim o asseverou depois ele mesmo com juramento. Mas nem por isso se rendeu o Imperador; antes irritado cada dia mais contra a Igreja romana pela constância com que se opunha a tudo o que era contrário à fé, fez governador de Roma a Teodoro Calíopas, dando-lhe por associado a outro Teodoro, gentil-homem de sua câmara, e encarregando-lhes muito que sobretudo se apoderassem do Papa. Acharam-no na igreja de São João de Latrão santamente empregado em cantar os louvores de Deus. Saiu-lhes ao encontro, acompanhado de grande número de fiéis e de todo o seu clero, o qual, sem ter medo ao Governador, esforçando a voz, dizia estas palavras: «Anátema a todos os que disserem ou creram que nosso santo pontífice Martinho tenha alterado nem o mais mínimo artigo da verdadeira fé. Anátema também a todos aqueles que não perseverarem até a morte na fé ortodoxa.» Como Calíopas era homem político, dissimulou por então; mas pouco tempo depois apoderou-se do santo Pontífice, sem dar lugar a seus clérigos nem a seus criados para poder defendê-lo. Foi conduzido a Messina e dali à ilha de Naxos, onde padeceu muitas misérias. Dali o levaram a Constantinopla, onde, depois de ultrajes inauditos, que os mesmos gentios se horrorizariam de fazer sofrer à cabeça da Igreja católica, foi encerrado numa estreita prisão, com ordem de que ninguém o soubesse. Três meses esteve nela sem falar a pessoa vivente, e no mesmo dia de Sexta-feira Santa o levaram diante do Senado, não podendo mover-se ele por sua extrema debilidade. Compareceu, pois, diante do presidente, o qual lhe disse: «Fala, miserável, e dize: que mal te fez o Imperador? Apoderou-se de teus bens? Recebeste dele alguma injúria?» O Santo não respondeu palavra. Citaram-se testemunhas falsas que o acusassem: entraram na sala, recebeu-se-lhes juramento sobre os santos Evangelhos, e depuseram contra ele conforme ao que se lhes havia sugerido. Mas, como em todas as suas declarações não se podia encontrar coisa substancial contra um homem santo, obrigaram-nos com ameaças a depor delitos capitais contra ele. Saiu do Senado o tesoureiro-mor para dar conta ao Imperador de sua negociação. Entretanto os ministros expuseram o Santo no meio da praça pública, depois o levaram a uma eminência onde estava o Senado, e o Imperador o podia ver desde seu quarto. Estando aqui o tesoureiro-mor, dobrando os insultos e o desprezo, disse-lhe com fereza: «Já vês que Deus te entregou em nossas mãos por teres conspirado contra o Imperador: tu abandonaste a Deus, e Deus te abandonou a ti.» Mandou depois que lhe tirassem as insígnias de sua dignidade; só lhe deixaram a túnica, e esta lha rasgaram de cima abaixo pelo meio: lançaram-lhe uma cadeia ao pescoço, com a qual o arrastaram a um calabouço, e uma hora depois foi conduzido a outra prisão. No dia seguinte foi o Imperador ver o patriarca de Constantinopla, Paulo, que se achava enfermo muito de perigo. Referiu-lhe o que se havia executado com o Papa, e o Patriarca, voltando a cabeça a outro lado, exclamou com um profundo suspiro: «Desditoso de mim, Deus meu! Com isto se encheu a medida de meus pecados.» Surpreendido o Imperador daquela reflexão, perguntou-lhe a causa; e Paulo respondeu: «Pois quê! Não é coisa lamentável tratar dessa maneira um bispo?» Suplicou-lhe depois que não passasse adiante e que se contentasse com o que havia feito já com o santo Prelado. Ah, e a que distinta luz se olham os objetos na hora da morte! Enfim, o santo Pontífice foi desterrado ao Quersoneso; e quanto teve que padecer naquele desterro! Mas

Deus, diz o Profeta, proporciona os consolos aos trabalhos: quanto mais se padece para fora, maior é o consolo que se experimenta para dentro. Como São Martinho tinha tão terno amor à Igreja, orava e jejuava para alcançar de seu Esposo as graças que havia mister naqueles dias de tristeza. Mas, vendo que cada dia ia perdendo mais e mais terreno e conhecendo que já estava muito próxima a morte, escreveu ao clero de Roma uma carta em que lhe dava conta do que padecia pela Religião em defesa da integridade da fé, despedindo-se dele e exortando-o a livrar-se do veneno mortal da heresia. Depois de ter falado assim aos presbíteros de Roma, estando já para consumar seu sacrifício, falou a Deus desta maneira: «Pastor eterno dos fiéis, Jesus Cristo, meu Salvador e Senhor meu, bem sabeis o que tenho padecido até aqui por vosso amor: ponde fim a meu desterro, descarregai-me deste corpo mortal para que vá cantar em vossa santa casa vossas eternas bondades. Eu vos encomendo o rebanho que pusestes a meu cuidado: lembrai-vos, Senhor, de que é preço de vosso sangue e conquista de vosso amor; dignai-vos protegê-lo pelos méritos do príncipe de vossos Apóstolos, São Pedro; fazei que experimente os efeitos de vossa grande misericórdia contra os esforços das potestades infernais que o pretendem devorar.» Oração muito correspondente ao caráter de um bom pastor. Nunca foi mais abrasado seu amor à Igreja que quando estava para perder a vida. Tendo combatido como herói este glorioso Mártir de Jesus Cristo, passou a desfrutar no céu daquelas palmas que nunca se murcham, regadas sempre com eternas incompreensíveis delícias. Sucedeu sua morte no dia 12 de novembro do ano 654.

São Millán ou Emiliano de la Cogolla, Confessor

São Braulio, bispo de Saragoça, tão conhecido por sua eminente virtude como por sua grande sabedoria, quis ser cronista de São Millán, um dos heróis mais célebres que têm florescido na Espanha, comparando-o com o grande Antão e com São Martinho de Tours em atenção a seus gloriosos feitos, os quais escreveu por referência de seus discípulos Citonato, Sofrônio, Geroncio e Asílio. Não nos diz este historiador a pátria do Santo; mas, se se atende aos graves fundamentos com que pretendem sê-lo Berceo e Matute, ambos povos da Rioja distantes entre si umas duas léguas, parece que foi natural daquela província, compreendida sob a da Cantábria. Deram a Millán seus pais uma educação cristã e, ficando altamente impressas em seu terno coração as piedosas máximas do Evangelho, arrumou seus costumes com o espírito da lei santa de Deus. Dedicaram-no ao exercício de pastor de ovelhas, dispondo-o assim a divina Providência para que, instruído naquele ofício, soubesse depois praticá-lo sendo pastor dos racionais. Levava consigo o ilustre jovem um rabel ou cítara com que divertia o ânimo na solidão dos campos onde apascentava seu gado e, ficando em certa ocasião dormindo à suave harmonia do instrumento, manifestou-lhe o Senhor a grandeza das coisas do céu, chamando-o interiormente a que seguisse o caminho da perfeição.

Despertou Millán cheio de consolo e não tardou um ponto em corresponder fielmente à vocação de Deus. Soube que no castelo de Bilibio havia um célebre eremita chamado Félix, cuja fama de santidade ilustrava toda a Cantábria e, aceso em vivíssimos desejos de instruir-se na escola

daquele famoso solitário, foi onde habitava e lhe rogou humildemente que o admitisse por seu discípulo. Félix explorou a fundo as intenções de Millán e, conhecendo seu bom propósito, recebeu-o em sua companhia, fazendo que o imitasse nos exercícios da oração e das mais rigorosas penitências.

Viveu Millán alguns anos sob o ensino daquele célebre mestre e, instruído nos caminhos da perfeição e enriquecido com os tesouros do céu, despediu-se de seu preceptor e fixou sua residência perto do lugar de Vergegio, hoje chamado Berceo, na província da Rioja. Continuou ali o teor de uma vida mais angélica que humana, que havia aprendido na escola de Félix; mas, como as gentes que concorriam a visitá-lo, com fim de desfrutar sua santa conversação e seus saudáveis conselhos, lhe impediam a quietude que apetecia para dedicar-se à contemplação das grandezas divinas e das verdades eternas, retirou-se a uma espantosa cova dos montes Distércios, sita ao pé da alta serra de São Lourenço, onde, soltando as rédeas a seu fervor, entregou-se aos rigores de uma penitência sem limites, renovando em sua pessoa aquelas espantosas imagens de mortificação ouvidas até então dos mais famosos solitários do Oriente; bem que o Senhor adoçava as austeridades de seu fidelíssimo servo com o dom de contemplação que lhe concedeu, sendo sua oração quase contínua. Deste comércio com Deus resultou acender-se Millán em vivíssimos desejos de ver face a face o soberano objeto que era o ímã atrativo de todas as suas atenções, o que lhe fazia levantar a voz naqueles outeiros eminentes, onde se considerava mais imediato aos céus, e prorromper com frequência: «Ai de mim, e quão longa é a peregrinação deste desterro!» Achava-se comprimido do frio, molestado das águas e afligido dos ventos no cume daquelas serras elevadas, de sorte que muitas vezes teria perdido a vida, se o amor divino em que se achava abrasado não houvesse vencido todos os destemperos das estações.

Quarenta anos passou Millán com aquele teor de vida, que, com ser tão pura e tão penitente, não esteve isenta dos mais terríveis e violentos combates com que o inimigo da salvação o exercitou por largo tempo; mas de todos saiu vitorioso sem outras armas que as da oração e da penitência, e mais com seu frequente recurso ao poderoso patrocínio da santíssima Virgem, em quem, depois de Deus, tinha colocada sua confiança. Solicitava o servo de Deus viver desconhecido dos mortais; mas, assim como uma cidade colocada sobre um monte não pode ocultar-se, do mesmo modo a fama de sua eminente virtude descobriu a Millán apesar de suas indústrias. Dídimo, bispo de Tarazona então, chegou a entender os elogios que se faziam em toda aquela região do ilustre eremita e, considerando o grande bem que resultaria à Igreja se um sujeito daqueles méritos fosse elevado à dignidade do sacerdócio, determinou conferir-lhe as ordens sagradas. Sobressaltou-se Millán ao ouvir semelhante proposição e resistiu-se humildemente a descer do céu à terra, da quietude ao bulício do comércio humano e da vida contemplativa à ativa; mas por fim lhe foi preciso obedecer. Ordenado de sacerdote, o bispo de Tarazona confiou a seu cuidado o ministério paroquial do lugar de Vergegio ou Berceo; e, desentendendo-se o servo de Deus de todas as solicitudes das coisas terrenas, toda a sua solicitude e todo o seu empenho foi enriquecer sua igreja com virtudes e não com bens temporais, com religiosidade e não com rendas, com verdadeiros cristãos e não com alfaias supérfluas.

A vida exemplar do zeloso cura, a justificação de sua conduta e o arranjo de seus costumes, e sobretudo sua principal atenção por aumentar na paróquia os bens espirituais, quando parecia que haviam de granjear-lhe o amor e até a veneração de seus clérigos, fizeram-no odioso a alguns

cobiçosos relaxados que, deixando-se arrastar de tal paixão, o delataram ao bispo de Tarazona, ponderando-lhe os enormes danos que causava na Igreja com sua culpável negligência e com a má direção que dava a suas rendas. Estava aquele Prelado cheio de inveja, porque a conduta de Millán era uma repreensão tácita da falta de seus deveres e, dando crédito à delação sem o correspondente exame, fez comparecer o Santo e, não satisfeito com a multidão de injúrias que lhe disse, despojou-o do curato. Sofreu o servo de Deus com inalterável paciência todo aquele tropel de insultos e, em lugar de defender-se, deu ao Prelado muitas graças porque o exonerava de um cargo tão pesado como o de pároco, ao qual se sujeitou por obediência.

Livre já o Santo do cargo pastoral, retirou-se às encumbradas serras de São Lourenço e elegeu para sua habitação uma cova distinta da primeira, meia légua de Berceo, no sítio que chamam São Braulio ao oratório do Santo, e hoje é o mosteiro de Suso; e, cheio daquela confiança e daquele alento que inspira o amor puro de Deus, entregou-se à abstinência e à mortificação da carne quanto foi possível às forças humanas sustentadas com a divina graça, vivendo mais como anjo que como homem mortal, todo transportado na contemplação das grandezas divinas. Como a conspiração dos clérigos avaros de Vergegio nem o violento despojo daquela paróquia não produziram em Millán os efeitos que desejava o inimigo da salvação, resolveu atacá-lo por quantos meios pôde sugerir-lhe sua refinada malícia, sem que houvesse artifício nem estratagema de que não se valesse para molestá-lo e para interromper seus devotos exercícios; mas, vendo que de todas as suas infernais máquinas zombava o servo de Deus, enfurecido soberbamente, apresentando-se a Millán em figura visível, desafiou-o a lutar corpo a corpo. Recusou o Santo a peleja; mas, acometendo-o com intrepidez o inimigo, defendeu-se por algum tempo, até que, vendo que não podia resistir às superiores forças do porfiado contrário, chamou em sua ajuda a Jesus Cristo; com cujo auxílio pôs em vergonhosa fuga o anjo apóstata, que se introduziu por uma rotura que até hoje se conserva na terra, para perpétua memória do glorioso triunfo que conseguiu o Santo do príncipe das trevas.

Em vão solicitava Millán ocultar-se nos mais encumbrados montes para viver desconhecido, pois, querendo Deus que beneficiasse a muitos, estendeu tanto a fama de sua eminente santidade por toda aquela região que concorreram a seu oratório uma multidão de gentes atraídas do bom odor de sua virtude. Ainda que todo o consolo e todas as delícias do célebre solitário as tinha na oração, na contemplação e no retiro, não deu a menor sinal de repugnância ao ver-se rodeado de tantas gentes, nem manifestou a mais leve vaidade ou complacência ao ver-se tão admirado; antes bem, como seu coração se achava tão abrasado no fogo do amor divino, desejava comunicar este incêndio em todos os que o buscavam, falando-lhes com maravilhosa energia sobre as verdades eternas, sobre o nada dos bens caducos deste mundo, sobre os falsos atrativos dos deleites do século, sobre a brevidade da vida e sobre os horrores da morte; do que movidos muitos, abraçaram seus saudáveis conselhos e, seguindo-o como fiéis discípulos, deram grande honra a seu mestre.

Quis Deus dar superior realce à virtude de Millán com o dom especial de milagres que lhe concedeu para fazê-lo mais célebre, entre os quais refere São Braulio as prodigiosas curas de um monge hidrópico chamado Armentário, de uma mulher paralítica, de outra perdida, e de outra cega, criada do senador Siconio. Também nos diz as maravilhas de fazer crescer milagrosamente uma viga que não alcançava à fábrica que fazia em seu oratório, a multiplicação de uma curta

porção de vinho para que bebessem muitas pessoas e o pronto suprimento de alimentos que deu aos pobres em certa ocasião em que pediram esmola ao Santo; sendo tanta sua caridade para com eles que, não tendo com que socorrê-los num tempo calamitoso, cortou as mangas do vestido e lhas deu juntamente com a capa ou manto. Em suma, os milagres do Santo foram tantos e tão célebres que, a querer referi-los em particular, seria preciso dilatar-nos mais do que permite um compêndio.

Havia o Senhor permitido ao demônio que excitasse a Millán dilatado tempo na solidão com as mais veementes tentações e, para castigar a ousadia do inimigo, concedeu-lhe a graça especial de lançá-lo vergonhosamente dos corpos humanos que tiranizava; entre cujas prodigiosas expulsões numera seu historiador a de um diácono, a de um criado de certo senhor chamado Luencio, a de um servente do conde Eugênio e a de Columba, filha do curial Máximo; sendo memorável sobre todas as que fez o Santo as do senador Nepociano e de sua mulher Proseria, com a maravilha que executou na casa de Honório, senador de Parpalinas, tendo o servo de Deus tão grande império sobre os espíritos imundos que não só não lhes mostrava temor mas se encerrava com eles onde quer que os chamava, segundo escreve São Braulio.

Revelou Deus a Millán a hora de seu feliz trânsito um ano antes que sucedesse e, ainda que toda a sua vida havia sido uma preparação contínua para a morte, com tudo aumentou seus rigores e suas austeridades, vendo que já era curto o tempo que lhe restava. Também lhe manifestou o Senhor naquele mesmo ano pela Quaresma a destruição da grande cidade da Cantábria em justo castigo de suas desordens e, querendo o Santo prevenir aqueles naturais, gente feroz e guerreira, para que se dispusessem, avisou ao Senado que estivessem juntos na Páscoa da Ressurreição, porque tinha que anunciar-lhes uma coisa de gravíssimo momento. Executaram-no assim e, referindo-lhes Millán a determinação do céu, exortou-os a que fizessem verdadeira penitência de suas culpas, posto que por elas haviam provocado a divina justiça, cujo açoite estava já levantado para a desolação do povo. O anúncio contristou a cidade; mas, como a todos constava a eminente santidade do servo de Deus, ouviram-no com reverência, exceto um homem malvado chamado Abundâncio, que, desprezando tão importante aviso, teve atrevimento para dizer que, como o Santo era tão velho, caducava. Profetizou-lhe Millán que seria o primeiro que experimentaria o castigo, e verificou-se à letra, morrendo às mãos do rei Leovigildo, que destruiu a Cantábria pelos anos 572.

Finalmente quis o Senhor premiar os grandes merecimentos de seu fidelíssimo servo e, achando-se na idade de quase cem anos, consumido ao rigor de seus contínuos trabalhos e de suas assombrosas penitências, morreu como preciosa vítima abrasado em divinos incêndios no dia 12 de novembro do ano 560, segundo a opinião mais comum dos escritores de suas atas. Achou-se no ditoso trânsito de Millán, entre outros de seus discípulos, o presbítero Asílio e, tendo dado notícia de sua morte aos povos comarcãos, concorreram muitas pessoas a celebrar seu funeral, que, executado com toda magnificência, depositou-se o venerável corpo no oratório do Santo. Fez Deus depois célebre a memória de seu amado servo com repetidíssimos milagres e, tendo vindo visitá-lo o rei D. Sancho o Maior com sua mulher Nuña, ou Elvira, com vários bispos e com grandes de Navarra, Castela e Aragão, onde reinava, querendo elevar as relíquias do Santo a lugar mais decente, fez-se a trasladação delas do primeiro depósito ao altar-mor da igreja de Suso em 13 de abril do ano 1033. Ali permaneceram em grande veneração, até que o rei D. García, filho mais

velho de D. Sancho, as baixou à enfermaria que tinham os monges de Suso no dia 28 de junho de 1083, com ânimo de transferi-las ao mosteiro de Santa Maria de Nájera que acabava de fundar; mas, não podendo removê-las apesar das grandes diligências que se fizeram, conhecendo por este sinal o religiosíssimo Príncipe que era vontade de Deus que ali se mantivessem, dispôs que, logo que se concluísse o mosteiro que erigiu no mesmo sítio sob a advocação de São Millán, se colocasse o venerável corpo sobre o altar da nova igreja, o que se executou assim no ano 1107.

São Nilo, Anacoreta, Padre da Igreja e Confessor

A nobreza, dignidades, honras e riquezas não deram tanto realce ao nome de Nilo como o desprezo que fez de tudo isto pelo amor de Cristo. Quando se retirou, cuidou tanto de viver desconhecido de todo o mundo que se nos ocultou o modo de vida que teve no deserto; e tudo quanto dela se sabe está reduzido a circunstâncias gerais. Parece que foi natural de Ancira, na Galácia, diz Orsi; por seus escritos aparece ter tido uma educação regular, em que haviam levado sempre a ascendência a piedade e a Religião. Não é coisa averiguada em que terço de sua vida teve por mestre a São Crisóstomo; mas não pôde deixar de ser em Antioquia, aonde o conduziria a grande reputação daquele Doutor, talvez quando renunciou seu governo para abandonar o mundo. São Nilo foi casado, teve dois filhos, viveu com esplendor grande e dignidade e foi elevado pelo Imperador ao posto honorífico de prefeito ou governador de Constantinopla. A ambição, a avareza e as invejas que reinaram na corte de Arcádio não puderam deixar de alarmar a consciência de um magistrado piedoso e timorato, que em todas as suas ações nada temia tanto como autorizar ou condescender em qualquer gênero de pecado ou injustiça. E o desejo de viver só para Deus e para si obrou tanto nele que, ainda que com muita dificuldade, obteve o consentimento de sua mulher para retirar-se do mundo pelos anos de 390. Deixou seu filho mais velho ao cuidado dela, para que lhe ensinasse as respectivas obrigações de seu estado no mundo e, em companhia do menor, chamado Teódulo, foi fazer uma vida solitária no deserto do Sinai. Neste retiro viveram juntos entregues aos exercícios do estado monástico e passaram muitos conflitos com seus inimigos visíveis e invisíveis.

As obras que nos deixou São Nilo as solicitaram muito os antigos e, como nota justamente Fócio, demonstram a excelente perfeição de sua virtude e seu grande talento de eloquência. Em seu tratado sobre a vida monástica observa que Cristo desceu dos céus a ensinar aos homens o verdadeiro caminho da virtude e da sabedoria, a que eram inteiramente estrangeiros todos os sábios da antiguidade. Acrescenta que os Cristãos primitivos imitavam seu Mestre em tudo, mas que, resfriado este zelo, algumas pessoas tomavam a resolução de abandonar os negócios embaraçosos deste mundo e renunciavam riquezas e prazeres para aplicar-se melhor ao exercício de todas as virtudes e ao domínio de suas paixões; mas que este estado tão santo em sua origem havia degenerado tanto então que alguns dos que o professavam o desgraçavam com seus desarranjos. Censura estas desordens com muito fervor e agudeza nesta e em outras obras ascéticas, em que recomenda fortemente a pobreza voluntária, a obediência, a paz e a humildade.

Em seu livro sobre a oração, obra particularmente admirada de Fócio, estabelecem-se muitas máximas excelentes. Encarrega o Santo que peçamos a Deus em primeiro lugar o dom de oração e supliquemos ao Espírito Santo que forme em nossos corações aqueles desejos ardentes e puros que ele prometeu escutar sempre; e que se digne ensinar-nos interiormente a orar: acrescentando que somente deveríamos pedir a Deus que se fizesse sua santa vontade em tudo perfeitamente. Aos que vivem no mundo encarrega muito a temperança, a humildade, a oração, o desprezo do mundo, a contínua meditação sobre a morte e a obrigação de dar esmolas. Sempre estava disposto a comunicar a outros sua ciência espiritual; porque na paz de sua solidão havia aprendido a conhecer a Deus de um modo que não é conhecido no tumulto do mundo e a gostar das suavidades de sua paz. Que vantagens não ganhou nas máximas da vida interior e no estudo das santas Escrituras e quão consultado era de pessoas de todas as classes se mostra muito bem no grande número de cartas suas que ainda existem. São curtas mas elegantes e escritas com espírito e veemência, especialmente quando levam por tema algum vício. Num expresso tratado pretende fazer ver que o estado de anacoretas ou ermitões é preferível ao dos religiosos que vivem em comunidade nas cidades, porque estes acham maiores dificuldades para conservar a virtude e o recolhimento e para sujeitar suas paixões; mas entende isto daqueles ermitões exercitados já sob algum mestre experimentado, e também diz as tribulações grandes e dificuldades que encontram estes anacoretas. Isto mesmo havia experimentado o Santo por si nas tentações violentas e turbulentas de ânimo com que o havia assaltado por longos tempos o demônio; mas chegou a vencê-las com a contínua leitura, meditação, humilhações, paciência, práticas de penitência e o sinal da cruz, com que se armava sempre que se sentia assaltado do inimigo: iguais armas recomenda também a outros em semelhantes tentações. Estabelece regras excelentes contra os vícios em seus tratados sobre os maus pensamentos, sobre os vícios e sobre os oito viciosos pensamentos ou pecados capitais, em que diz coisas admiráveis, especialmente sobre os riscos da vanglória e da preguiça. Quem não creria que São Nilo, por ter deixado o mundo, teria ficado livre de aflições e tribulações exteriores! Pois no deserto foi onde as encontrou mais graves. Tendo feito uma incursão os sarracenos no deserto do Sinai, passaram a cutelo um número grande de monges e, encontrando a Teódulo, filho de nosso Santo, num mosteiro, levaram-no cativo com alguns outros. O aflito pai o buscava por todas as partes e veio a cair ele mesmo em mãos dos tiranos invasores, mas a pouco tempo conseguiu sua liberdade. Por último encontrou o filho em Elusa, com o bispo daquela cidade, que o havia resgatado por caridade. Este bom Prelado o restituiu a seu pai com sumo gosto, mas obrigando a este a receber de suas mãos a ordem sacra do presbiterado. Nilo tinha então cinquenta anos de idade. Viveu até uma muito avançada e morreu no reinado do imperador Marciano. Seu amor à obscuridade o seguiu até o sepulcro, de modo que até o ano e as circunstâncias de sua morte se ocultaram de nós. Suas relíquias foram conduzidas a Constantinopla no reinado de Justino o Menor e depositadas na igreja dos Apóstolos.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Martinho, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Martini martyris tui atque pontificis annua solemnitate lætificas: concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solenidade de vosso mártir e pontífice o bem-aventurado Martinho, concedei-nos propício que experimentemos os efeitos de sua proteção quando celebramos seu nascimento para a glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Pedro, capítulo 4.

1 Pedro 4,13-19

> **Latim:** 13 sed communicantes Christi passionibus gaudete, ut et in revelatione gloriæ ejus gaudeatis exsultantes. 14 Si exprobramini in nomine Christi, beati eritis : quoniam quod est honoris, gloriæ, et virtutis Dei, et qui est ejus Spiritus, super vos requiescit. 15 Nemo autem vestrum patiatur ut homicida, aut fur, aut maledicus, aut alienorum appetitor. 16 Si autem ut christianus, non erubescat : glorificet autem Deum in isto nomine : 17 quoniam tempus est ut incipiat judicium a domo Dei. Si autem primum a nobis, quis finis eorum, qui non credunt Dei Evangelio ? 18 et si justus vix salvabitur, impius et peccator ubi parebunt ? 19 Itaque et hi, qui patiuntur secundum voluntatem Dei, fideli Creatori commendent animas suas in benefactis.

Português: 13 mas folgai de serdes participantes das penalidades de Christo, para que folgueis tambem com júbilo na apparição da sua gloria. 14 Se sois vituperados pelo nome de Christo, bemaventurados sereis: porque o que ha de honra, de gloria, e de virtude de Deos, e o espírito que he d'elle, repousa sobre vós. 15 Porém nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou maldizente, ou cubiçador do alheiro. 16 Se elle porém padece como Christiano, não se envergonhe: mas glorifique a Deos neste nome: 17 porque he tempo que principie o juizo pela casa de Deos. E se primeiro começa por nós: qual será o paradeiro d'aquelles, que não crem no evangelho de Deos? 18 E se o justo apenas se salvará, o ímpio e o peccador onde comparecerá? 19 Assim que tambem aquelles, que soffrem segundo a vontade de Deos, encommendem as suas almas ao seu fiel Creador, fazendo boas obras.

Reflexões

Alegrai-vos de participar dos trabalhos de Jesus Cristo. Com todos os fiéis fala o santo Apóstolo; mas compreendem todos os fiéis o verdadeiro sentido desta celestial doutrina? Esses homens mundanos e carnais entram bem no espírito deste grande Mestre dos Cristãos? Tomam gosto à importância desta lição? E até as mesmas pessoas religiosas, aquelas almas consagradas ao serviço de Deus por seus votos e por seu estado, aqueles que fazem profissão de virtuosos, sentem e discorrem acerca das aflições e trabalhos como sentia e discorria o apóstolo São Pedro? Por pouca religião que se tenha, todos estão convencidos de que a vida cristã é vida de cruz e de penitência. Na verdade, os mais fervorosos não se negam às cruzes; mas quisessem escolhê-las eles. A todas as condições e a todos os estados da vida se estendem os trabalhos; mas os domésticos se fazem sempre mais pesados. Convêm todos em que é necessário padecer; mas os golpes repentinos e imprevistos desconcertam os mais perfeitos e contudo costumam ser os mais saudáveis. Não são de nossa eleição estas aflições: não são aquelas penitências de ruído em que se pode introduzir o amor-próprio, a vaidade e até o gênio: são umas desgraças que humilham, que nenhuma honra nos fazem no mundo e em que a natureza não tem parte: são, por assim dizer, uns presentes com que nos regala o Senhor, e todos com o selo de suas armas. Só por amor do mesmo Senhor se podem receber com gosto, e mil vezes ditosos nós se com elas podemos satisfazer àquela justiça inexorável diante da qual devem tremer os mais justos. *Hic ure, hic seca, modo in æternum parcas*, exclama Santo Agostinho. Queimai, Senhor, cortai e não perdoeis neste mundo a um pecador: ditoso ele se desta maneira se pode livrar das penas eternas que tem tão merecidas. Assim discorreram os Santos: e em que consistirá que nós não discorramos da mesma maneira? As adversidades nos lembram que servimos a um Senhor que morreu numa cruz por nosso amor e que os trabalhos, por assim dizer, ficaram como consagrados em sua pessoa. *Inspice, et fac secundum exemplar quod tibi in monte monstratum est.* Nunca deve um cristão perder de vista este divino modelo. O Calvário deve ser a escola de todos os Cristãos, e Jesus Cristo na cruz o exemplo que devem copiar para agradar-lhe. À vista deste espetáculo emudece a natureza, as paixões atemorizadas se retiram, e o amor-próprio se vê obrigado a esconder-se: à vista deste espetáculo se nos fazem gostosos e veneráveis nossos trabalhos e reconhecemos sensivelmente a monstruosa indecência de um cristão que quer ser mais ditoso no mundo que o foi o mesmo Deus que adora, quando por nosso amor andou visível na terra.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne,

> posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, [30] dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? [31] Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? [32] Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. [33] Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: [26] Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. [27] E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. [28] Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, [29] para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, [30] dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? [31] Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? [32] D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. [33] Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Da murmuração

Primeiro ponto

Considera que a murmuração é um vício universalmente odioso tanto a Deus como aos homens. A Deus, porque, sendo por sua essência o mesmo amor e a mesma caridade, é consequente que tenha uma essencial oposição à murmuração; e, tendo fundado toda a doutrina da Religião sobre estes dois preceitos: *Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma*, e *ao próximo como a ti mesmo*, parece que nada lhe pode ser tão odioso como aquilo que destrói e aniquila estes dois preceitos do amor, em que consiste toda a Lei e os Profetas. Não é menos odioso aos homens o vício da murmuração; pois nenhum outro há mais inimigo da sociedade civil, nenhum que cause tantos estragos e nenhum que dissimule com maior artifício seu veneno. Que outro vício mais universalmente estendido? Não perdoa a grandes nem a pequenos, nem a sagrado nem a profano, e até as mesmas testas coroadas não podem evitar sua perseguição. Pode haver coisa mais odiosa que um homem que usurpa um poder tirânico sobre a reputação de seu próximo, que o desacredita e o ataca ainda quando não se acha em estado de defender-se? Este é o caráter da murmuração. A sagrada Escritura a representa como uma serpente que de todos se faz temer:

Terribilis in civitate sua. Que estragos não faz nas cidades, nas comunidades, nas casas particulares? E que efeitos mais funestos que os da murmuração? Não há virtude a coberto de seus tiros; não há pureza isenta de seu vapor. Este embacia a mais cristalina inocência, deslustra a mais brilhante reputação, degrada a mais eminente santidade. Não fica pelo murmurador que a virtude não perca todos os seus direitos com seu esplendor e que a devoção mais exemplar não se faça odiosa. Mas o mais estranho é que este vício ache também lugar até entre as pessoas que fazem profissão de virtuosas. Não se pense, pois, que reina somente nas conversações mundanas ou entre a gente perdida. Hoje não há conversação que não se tenha por insulsa se não a tempera o sal da murmuração. Mas que de pecados, bom Deus, não brotam deste funesto manancial!

Segundo ponto

Considera que a murmuração é um pecado tanto mais enorme quanto é quase irremissível pela impossibilidade moral de reparar os danos que causa.

Às enormes culpas pode seguir-se um arrependimento tão vivo e uma contrição tão perfeita que as perdoe Deus por suas misericordiosas entranhas com os pecadores, e uma humilde confissão absolve dos maiores pecados. Na mortificação da carne e nas penitências do corpo unidas aos méritos de Jesus Cristo há fundos para pagar nossas dívidas; mas todas estas satisfações não alcançam para a murmuração. Detesta em boa hora teu pecado com horror; despedaça teu coração com a mais viva dor; confessa tua culpa com a maior sinceridade; faze que teu corpo sofra a pena que mereceu tua língua murmuradora; não há coisa mais justa, não a há mais louvável, não a há mais importante; mas ainda te falta uma obrigação indispensável: aquela pessoa inocente cuja reputação manchaste, tisnaste, denegriste, pede de justiça a restituição: nem Deus te quer conceder o perdão até que repares aquela grande injúria que lhe fizeste; até que se lave aquele crédito manchado; mas isto te parece tão fácil!

É a fama aquela boa opinião que os homens têm da honra, da virtude e do mérito dos outros homens. A murmuração destrói esta boa opinião no conceito daqueles a quem se manifesta: como se poderá reparar? É uma luz que apaga a murmuração: como se voltará a acender? Com que arte, com que indústria se poderá conseguir que duzentas ou trezentas pessoas deponham o mau conceito do próximo que já se lhes sugeriu? Como se poderá desenganar um povo inteiro da má opinião que se lhe inspirou e que autorizou a inclinação natural a crer sempre o pior? E ainda quando seja possível a pública retratação de um murmurador convertido, restituirá nunca à inocência, à virtude, ao mérito aquele lustre, aquele esplendor que lhe tirou? Desdiga-se alguém quanto quiser, o conceito não se muda tão facilmente. Tanta verdade é que o dano da murmuração é quase irreparável e que este pecado com suma dificuldade encontra perdão.

Contudo, poucos pecados há mais gerais, poucos de que se arrependam menos. Murmura-se com tanta facilidade como se fala; desmaia a conversação se a murmuração não a anima; murmura-se zombando, murmura-se com cólera, murmura-se por humor e por costume; falta pouco para que se murmure por virtude; tão comum como tudo isto é a murmuração. É uma espécie de perseguição que o mundo declara à virtude, e poucos Santos houve que se livrassem dela. Ela exercitou bem a paciência de São Paulo, patriarca de Constantinopla; a ninguém perdoa; mas qual

será a sorte dos murmuradores!

Oh meu Deus, e que remédio tão poderoso contra a murmuração é aquela recíproca caridade que Vós nos encomendastes tanto! Concedei-me, Senhor, concedei-me esta importante virtude, a qual só me deixará ver minhas próprias faltas e me ocultará as de meus irmãos, ou pelo menos me obrigará a calar, sugerindo-me razões para escusá-las.

Jaculatórias

Tomei o partido de observar minhas faltas e de olhar-me a mim mesmo com cuidado para não ter tempo em que minha língua examine nem se deslize nas alheias. (Sl 36.)

Não permitais, Senhor, que eu me desmande nem em falsidade nem em murmuração alguma. (Pr 30.)

Propósitos

1. É a murmuração uma maledicência ou um discurso injurioso contra a honra de alguém. Ela desfigura tudo, e ela tem levantado um formidável tribunal, dirigido a julgar as ações e até as intenções alheias, que vai buscar até o mais interior dos corações. Sua verdadeira origem é o sentimento que nos causa ver-nos inferiores a outros em virtude, em prendas e em estima: aquela vil inveja que tira unicamente a abater o mérito dos outros convém desprezá-la e aspirar unicamente a merecê-lo. Bem se pode dizer que os murmuradores são os que hoje sustentam todo o comércio do mundo: desmaia, enfastia, cansa a conversação, não se sabe que falar se a murmuração não a anima, não a alegra e não a sustenta. Contudo, não há coisa de maior perigo para a salvação, não a há mais digna de temer-se: uma zombaria, uma chacota, um dito agudo logo se diz; mas a ferida que abre esse dito não se cura tão facilmente, nem o incêndio que causa se apaga com facilidade. Meu Deus, quantos se condenam pela murmuração! A malícia deste pecado de seu sempre é grave; o dano que faz, quase irreparável: vê agora se será coisa tão fácil conseguir o perdão dele. Foge dele com o maior horror: impõe-te uma lei não só de não dizer jamais a menor palavra que possa lastimar a reputação do próximo, mas de escusar as faltas mais visíveis e de falar sempre de outros com estima. Se não tiveres alguma coisa boa que dizer do sujeito de quem se trata, cala. Há certos corações malignos, certos gênios mordazes, naturalmente inclinados a murmurar, que tudo envenenam; tem horror deles; foge deles; e está persuadido de que a inclinação e o costume de murmurar são um dos sinais menos equívocos de reprovação.

2. Há várias sortes de murmurações. Murmura-se imputando a outro algum delito falso: esta é calúnia. Murmura-se dando por coisa segura o que só se soube por um rumor incerto e confuso. Murmura-se contando a outros o que se nos confiou em segredo. Também é murmuração fazer público um fato que sabiam poucos: é-o igualmente confiar sem necessidade ou sem motivo grave, ainda que não seja mais que a uma só pessoa, o pecado que se viu cometer a outro ou a miséria oculta de que se teve notícia. Ainda nas coisas que saem ao público pode haver murmuração,

exagerando-as ou acrescentando circunstâncias que, ainda que verdadeiras, não se haviam publicado e acriminam mais o fato, como também, pelo contrário, calando maliciosamente outras que diminuem a gravidade e a vergonha. Podem-se interpretar em má parte muitas ações que no exterior parecem boas; e então também é murmurar o manifestar a outros nossas suspeitas, ora sejam sem fundamento, ora com ele. Há murmurações faladoras, e há-as também mudas: um gesto, um risinho falso, certo tonzinho, um retintim, um silêncio seco e afetado equivalem muitas vezes a uma mordaz murmuração. Não são as menos amargas aquelas murmurações que vão misturadas com graças e com pilhérias. Também é espécie de murmuração o arremedar os gestos e os modos de algum sujeito com intenção de rir-se à sua custa e fazê-lo ridículo. Impõe-te uma severa lei de evitar escrupulosamente todas estas diferenças de murmurações e de não dizer jamais, nem ainda por diversão, coisa alguma que faça ridículos a outros, não falando nunca nem ainda de seus defeitos naturais.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:39 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:39 by Admin